



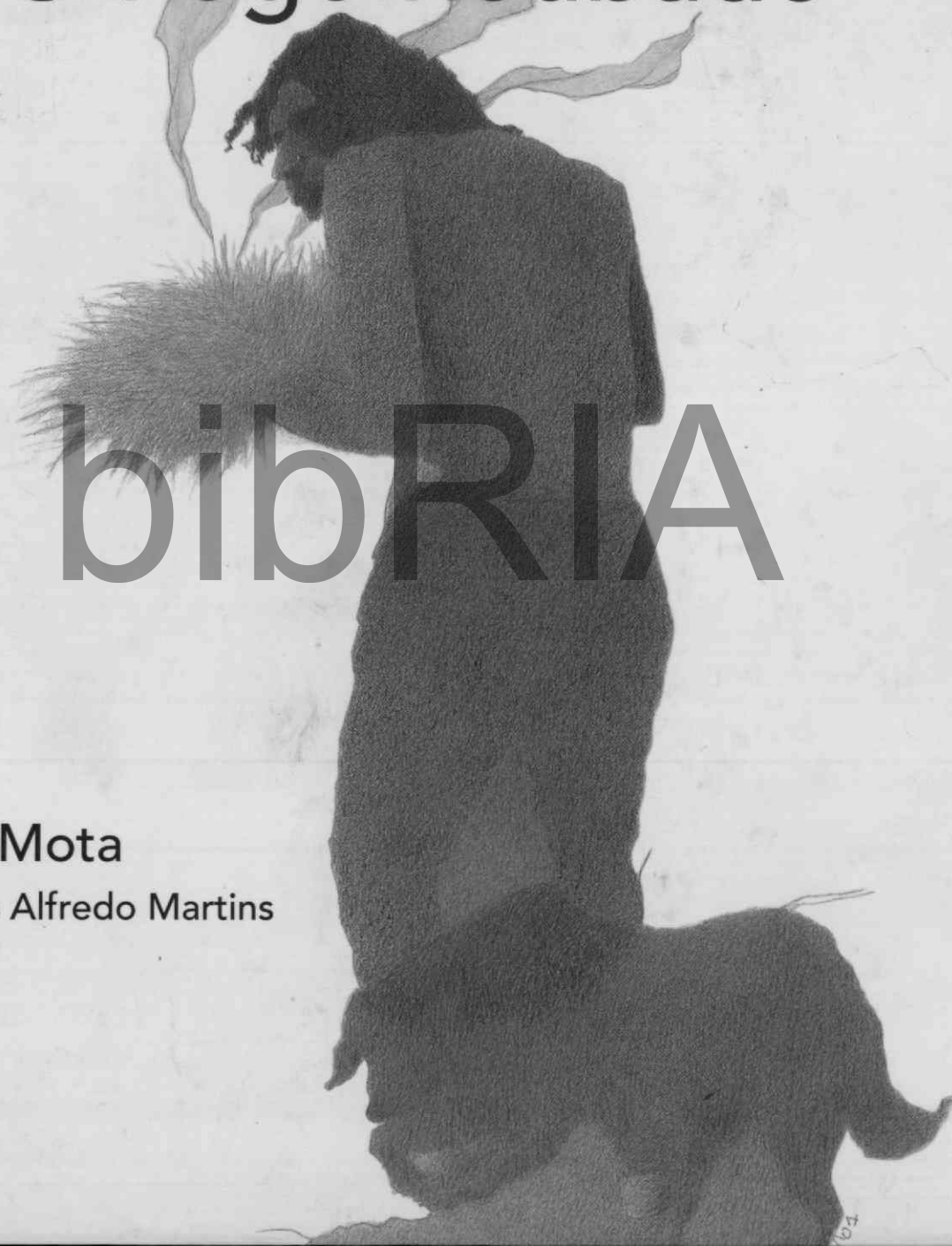
o sol e a lua

O Fogo Roubado

bibRIA

Arsénio Mota

Ilustrações de Alfredo Martins





O Fogo Roubado

bibRIA

bibRIA

O Fogo Roubado

Autor: Arsénio Mota
Ilustrações: Alfredo Martins
Capa e paginação: Hermínio Bastos

© CAMPO DAS LETRAS, Editores, S. A., 2001
Rua D. Manuel II, 33 - 5.º 4050-345 Porto
Tel.: 226 080 870 Fax: 226 080 880
Site: www.campo-letras.pt
E-mail: campo.letras@mail.telepac.pt

Impressão: Grafiasa, S.A.
1.ª edição: Outubro de 2001
Depósito Legal n.º 169879/01
ISBN 972-610-443-2
Código de barras: 9789726104438

Colecção: O Sol e a Lua – 13



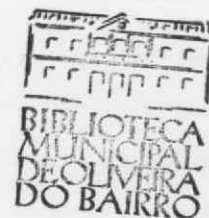
o sol e a lua

O Fogo Roubado

Arsénio Mota

Ilustrações de
Alfredo Martins

biblioteca



bibRIA

O FOGO ROUBADO

bibRIA





bibRIA

O calor do vulcão

O menino era quase tão pequeno como o macaco que com ele brincava. Mais pareciam dois macaquinhos irmãos a divertirem-se. Tinham ambos uns olhos castanhos muito vivos e uma expressão alegre, mas o macaco ria-se menos com a sua cara descarada. Estava quase sempre disposto a corridas e cabriolas, porque de bananas nunca ele se fartava. No entanto, o seu amiguinho em pouco lhe ficava atrás.

De repente, o menino e o macaco, afinal dois meninos, assustaram-se. Interromperam o divertimento e largaram a fugir pela encosta do monte, descendo em direcção ao vale. Era sombrio e fresco, acolhedor. Os fugitivos procuraram protecção debaixo das árvores, o macaco correndo e guinchando, aflito, de braços erguidos à cabeça.

O que os assustava?

Um forte e muito prolongado trovão fazia estremecer a terra e espantava o voo dos pássaros.

No monte, lá no cimo, aconteceu então uma coisa extraordinária. Com outro trovão ainda mais atroz, o coruto do monte saltou como folha seca arrastada pela ventania, e abriu-se. Penedos e avalanchas de terra precipitaram-se pela encosta. No chão rasgavam-se gretas enormes. No coruto do monte saía um jacto de lume e fumo, lava ardente e cinzas.

Ambos os pequenos, o menino e o macaco, arregalaram os olhos de assombro e medo. Que era aquilo?!

Afastaram-se do vale, trepando à pressa pela colina, do lado oposto.



Detiveram-se um pouco à distância, debaixo da sombra de uma árvore das mais frondosas. Observaram o monte a rugir, ainda de peitos a arfar da corrida, agarrados um ao outro num abraço porque a mais nada podiam agarrar-se: estavam sozinhos, completamente sozinhos, num território imenso onde nascia um vulcão.

Girafas de pescoço alto, cavalos, corças e veados, zebras, leões e leopardos e alguns elefantes, junto com outros animais da selva, passavam perto deles, fugindo também do perigo que saltava do chão. O tropel das patas batendo na terra faziam-na ressoar como um tambor. Aquilo parecia mesmo um carrossel a girar envolvido em confusão e poeira, mas o menino e o macaco seu companheiro não tinham olhos para verem o desfile louco da bicharada. Nem sentiram a passagem de uma sombra enorme: seria um dinossauro? Uma nuvem? Ou uma ave gigantesca?

Eles só viam o vulcão, que espirrava para o ar e rugia cóleras terríveis enquanto derramava ondas de lava pela encosta.

O calor aumentava e não era o calor do sol porque de repente o dia escureceu, o sol cobriu-se. Grandes nuvens espalharam negrumes pelo ar antes luminoso e limpo, mas agora cheio de sujeira, enquanto a lava ia descendo para o vale, arrastando pedregulhos e calhaus que rolavam e saltavam, enchendo as funduras do terreno.

Era já tanto o calor que se tornava insuportável. O vulcão aticava uma fogueira gigantesca que tudo aquecia e deixava a esquentar.

Tremendo de susto, o menino e o macaco suavam suores frios cada vez mais frios. A lava acumulada no vale ia-se aproximando. Já a viam, perto, a crescer. Era magma liquefeito, massa fumegante e vermelhusca que subia pela colina. Rodeou o tronco de uma pequena árvore, secou-lhe as folhas e os ramos verdes num instante, saltou uma chispa de lume e a árvore incendiou-se como uma simples palha.

Os dois pequenos saltaram também, de olhos fixos na árvore ressequida e a arder, inteira, com chamas a devorar-lhe tronco, ramos e folhas por todos os lados. Era horrível de ver porque, se uma árvore podia acabar assim, eles ambos não tardariam a sentir igualmente a sua carne a incendiar-se. E a arder como palha seca!

Então, sem poderem aguentar mais, o menino e o macaco largaram a correr como os outros animais espavoridos, partindo em busca de um sítio menos assustador.

De tão amigos que eram, os dois pequenos fugiam de mãos dadas.

As faíscas do céu

O tempo passou, o menino cresceu e o macaco continuou macaquinho, de cara descarada, sempre ansioso por bananas e brincadeiras. Talvez não lhe desagradasse ficar sempre menino para mais poder divertir-se, acompanhando o amigo.

Mas o amigo crescia, transformava-se em rapaz. Não tinha nome, é certo, era apenas o rapaz naquela região enorme onde tudo estava a inventar-se naquele tempo antigo.

O calor do vulcão ficara algures, longe, e era recordação tão boa como a do sol quente. Agora eles viam tudo embranquecido por camadas de frio e neve. O sol não tinha força para derreter os gelos que se acumulavam, obrigando o rapaz a cobrir o corpo com peles. A comida, antes farta, era pouca. Curtos, os dias tornavam-se sombrios e mal davam tempo para procurar comida, ir à caça.

Longas eram as noites, longas e escuríssimas, negras e enregeladas. O rapaz e o macaco enrolavam-se nas peles, no canto mais abrigado da caverna onde agora se alojavam – a primeira casa habitável.

Uma tempestade agitou a noite. Trovões explodiram, sacudindo céu e terra no meio de relâmpagos sucessivos que riscavam as trevas com desenhos em ziguezague tão fosforescentes que eram visíveis mesmo depois de se apagarem. Até faziam lembrar o ribombar do vulcão! Só o calor do outro dia era substituído pela frialdade.

O rapaz e o macaquinho, deitados e envolvidos nas peles, sentiam desejos de terem outra vez aquele calor potente, fosse gerado pelo vulcão, fosse calor do sol radioso e aberto. Mas à



face dos olhos, para além da abertura da caverna, apenas viam negrume cortado à faca pelas faíscas tracejantes.

Na floresta, os animais estavam emudecidos dentro das suas tocas, como eles esperando que a tempestade e a noite acabassem. Só um urso apareceu. Entrou tranquilamente na caverna como quem entra em loja aberta, passou lá um tempo quieto e depois saiu sem problema.

Subitamente, um trovão poderosíssimo rebentou sobre a caverna, enquanto uma faísca iluminava o interior com o seu relâmpago. O macaco guinchou de susto e o rapaz abraçou-o. Quando pôde tornar a ver, isto é, quando se apagaram as estrelas nos seus olhos, descobriu lá fora, à entrada, um velho tronco de árvore traçado de alto a baixo e a arder.

Sim, o tronco ardia! A madeira devia estar seca porque continuou a ser consumida pelas chamas.

Que noite!

O rapaz puxou o macaco e saiu com ele. Aproximou-se lentamente do monumental archote. Os seus receios paralisavam-no mas em breve desapareceram. A tempestade ia-se embora, deixando-lhes à porta da caverna o velho tronco incendiado pelo fogo do céu.

A fogueira iluminava e aquecia. Que bom! Substituíra o vulcão e o sol na frieza da noite.

O brilho do lume coloria a cara do rapaz, que não despegava a vista das chamas. Dançavam para ele como folhas secas abanadas pela brisa ou como água num regato deslizando brandamente entre as pedras. E tinham cores muito belas, eram lindas de ver! Aqueciam o corpo por fora e alegravam a disposição por dentro.

Também o pequeno companheiro fixava as chamas com admiração. «Haverá coisa mais linda que um bom fogo a arder diante de nós?», pensou o rapaz adivinhando o que estaria a sentir o macaquinho.

Ali ficaram os dois o resto da noite. Quando rompeu a aurora, do tronco ardente só restava um monte de brasas a esfriar no meio de cinzas. Mas eles não se afastaram. Detinha-os a recordação da beleza de uma noite.

O rapaz sentia-se grato. Finalmente, encaminhou-se para o rio próximo, sentou-se nas pedras da margem e inclinou-se para a água, molhou o dedo indicador da mão direita e lavou o umbigo.

O sol da manhã tremeluzia nos reflexos da correnteza fluvial.

A descoberta do fogo

Recolhido no fundo do seu abrigo, o rapaz pensou longamente nas longas noites daquele Inverno. O frio era o problema maior para ele e para o macaco, que nem tinha já comida suficiente e, a dormir, gania a sonhar com bananeiras a vergar os cachos maduros até ao chão. Por fim, o rapaz percebeu que o bom remédio para o frio nunca seria o seu remedeio – algumas peles que o cobriam. Era, sim, o vulcão e o sol, duas fontes formidáveis de calor e luz. Mas o vulcão era perigoso e assustador e o sol andava tão longe que as noites pareciam intermináveis.

Bom seria se pudesse ter uma fogueira acesa noite e dia, à porta da caverna, assim na forma de um tronco a arder. Porquê? O rapaz descobria agora que o fogo da madeira dava o calor do vulcão e algum brilho do sol. Melhor ainda seria ter a fogueira dentro da própria caverna. E não seria perigoso? Quem o sabia? O fogo estava para nascer...

Se o tivesse à sua disposição, oh!, teria para si um pouco da energia do sol e do poder do vulcão...

O rapaz teve então uma ideia atrevidíssima: roubar o fogo ao céu e à terra para o ter aos seus pés. Para banir completamente o frio e a noite.

Mas como poderia consegui-lo? Nem ele sabia em que aventura se ia meter e as tremendas dificuldades que teria de enfrentar!

Realmente, vivia no princípio do tempo. Ninguém inventara ainda as acendalhas, coisas como os primeiros isqueiros ou fósforos, pois, como já disse, estava tudo por inventar. O fogo era uma coisa mágica, desconhecida, misteriosa. Encantava mas fazia medo, muito medo.



De qualquer modo, ter uma boa ideia na cabeça é importante porque, com ela, uma pessoa pode pôr-se a sonhar de olhos abertos. Não é por acaso que os livros de banda desenhada mostram lâmpadas acesas por cima das figuras das histórias quando essas figuras completam algum raciocínio dos grandes. Uma ideia é uma espécie de luz acesa no cérebro que faz agir a pessoa num certo sentido, iluminando-lhe os passos.

Guiado pela sua ideia, o rapaz passou a percorrer a floresta em volta da caverna, animado pela esperança de ver surgir outra tempestade. Não apreciava trovões e relâmpagos, isso não, sem dúvida nenhuma, porque o espavoriam. A própria chuva era um pouco desconfortável _ rodeava-lhe o corpo de frio e humidade. Mas ele esperava encontrar um dia outra árvore a arder, incendiada por um raio.

Nessa fogueira ocasional queria o rapaz satisfazer o desejo de calor que o corpo lhe pedia. E tornaria então a ver o bailado das chamas tão lindas a dançarem na madeira e a prenderem-lhe o olhar.

Donde provinham as chamas? Do interior da madeira?

Não o sabia e bem gostaria de saber...

As tempestades estoiravam, com trovões e relâmpagos, por ali perto, mas o rapaz andou com pouca sorte. Quanto mais procurava, menos encontrava a arder.

Certa ocasião encontrou um tronco chamuscado ainda a fumegar. Chovia.

Desanimou mas continuou a sair do refúgio para o meio das tempestades. Assustavam-no, evidentemente. Do macaco nem se fala. Só que o rapaz não podia deixar de fazer o que fazia...

Uma tarde, depois de muito percorrer, sentiu no vento o cheiro raro de fumo – fumo de madeira queimada. Orientou-se, correu.

À frente, um muro de chamas avançava por terreno seco cuja vegetação baixa ia consumindo. Ali estava uma boa fogueira e, no entanto, o rapaz não pôde gozá-la!

O macaco, no seu colo, ganhava de terror. E ele sofria de susto.

Muito próximas, as labaredas cresciam em semicírculo, iam já cercá-los por completo quando ele, meio asfixiado pela fumarada, notou o perigo e fugiu. Livra!

Não havia dúvida, o fogo não era menos ameaçador e terrível do que o vulcão ou o sol para alguém que os enfrente...



Primeira fogueira: a vitória

O rapaz matutou no que tinha de fazer para realizar a sua ideia. Queria ter o fogo aos seus pés e, se possível, metê-lo dentro da caverna. Queria apoderar-se dele para sempre. Por uma única razão: precisava do fogo.

Devia ser possível aquecer-se no frio e alumiar-se na escuridão nocturna, que nem lhe deixava ver o companheiro deitado ao seu lado, ansioso pela manhã. Era este o seu sonho, mas havia grandes dificuldades. Roubar o fogo ao céu e à terra, e trazê-lo para onde ele queria, não era brincadeira de macaquinho!

Para caçar o fogo teria que aprender a dominá-lo. Para isso, precisava de conhecê-lo. Como? Nem podia tocar-lhe!

O fogo era esperto. Tinha manhas, não se deixava apanhar. Era ver a habilidade com que escondia dentro da madeira as chamas que só a fogueira era capaz de fazer sair! Era ver também como o fogo se defendia, espalhando a cortina de fumo para o pôr em fuga!

Enfim, o rapaz precisava de lhe evitar as manhas com cuidado antes que o fogo o caçasse a ele. E quando chegasse a boa ocasião, quando tivesse uma fogueira ao seu alcance... zás!

Passou muito tempo, mas tanto porfiou que o dia chegou.

Num fim de tarde encontrou um pequeno bosque a arder. Aproximou-se cautelosamente. O macaco exprimia o seu desagrado pelo que via, agarrando-se convulsivamente ao peito do rapaz e olhando de revés o incêndio. Gostava decerto de ver chamas pequeninas a dançarem molemente, não a lavrarem como gigantes vorazes à solta.

O rapaz colocou o companheiro no chão, a certa distância, e avançou. O macaco tapava os olhos com as mãos e gemia. Recuava uns passos, regressava, não sabia o que fazer.

Foi fácil. Um ramo isolado ardia, caído um pouco ao lado do centro escaldante da fogueira.

Pegou-lhe pela base não aquecida pelo lume e correu, fugindo ao fumo. Chamou o macaco, que aos saltos o seguiu em direcção à caverna.

Teria conseguido salvar o fogo? Aquele pedaço, pelo menos, agora era dele. Pertencia-lhe. Podia levá-lo para onde quisesse!

Vitória! – apeteceu-lhe gritar.

O rapaz vencia a ignorância e o medo erguendo nos braços, como um troféu da caça maior, o ramo de hastes a arder. A sua corrida atiçava o lume e fazia brilhar o ramo como um archote no meio das sombras da noite que já caíam, envolvendo os arvoredos. O rapaz até parecia um veado de hastes ardentes a correr através da selva!

O «veado» tão especial teve mesmo coragem para assustar um leão que por acaso se lhe atravessou no caminho. O rapaz começava a ser homem, um verdadeiro rei da natureza porque o fogo era seu! Pela primeira vez, serviu-lhe para o alumiar e aquecer no seu regresso.

E mais: a sorte de ter luz na mão deu-lhe a sorte de encontrar uma bananeira perdida entre penedos. Tinha um cacho maduro que colheu.

Dois troféus valiosos a transportar, um em cada mão!

À beira da caverna, poisou o ramo de hastes em brasa. O lume agora esmorecia, sem o vento soprado pela corrida, pois a cor de vermelho vivo estava a recobrir-se de capas negras. Por isso o rapaz entregou o cacho de bananas ao macaco e ocupou-se rapidamente da fogueira. Com duas pedras partiu as hastes uma a uma e juntou-as em monte, depois soprou sobre o monte repuxando os beiços como se quisesse acordar as chamas mortas com um beijo. As capas negras voaram e as brasas exibiram de novo a cor do seu vermelho vivo, mas o rapaz continuou a soprar, afogueando a cara com o calor já grande da fogueira, até que viu saltar a primeira chama alegre, depois outra e mais outras, que se uniram num feixe rubro de labaredas.

Que maravilha!

Tão contente estava que o apetite do macaco, a comer o monte de bananas, o divertiu. Achou que o momento merecia ficar consagrado com a invenção da primeira cantiga ouvida na selva da fundura do tempo. Cantou:



Nessa mesa
um torreão
feito de pão
pão do melhor
– que beleza!

O dente vai
e com ardor
entra no pão
– o torreão
oh, ele cai!

E cheira bem
sabe a rosas
o torreão
feito de pão
pão do melhor.

Era monte
e pouco é!
O pão vai-se
quem o conta?
– Desaparece!

A brincar, o homem, antes rapaz, transformava as bananas em pão e o cacho num monte. Como era divertida a fantasia!

Quando acabou de cantar, o lume estava a morrer. Os ramos chegavam ao fim. Então ele pensou que a fogueira podia durar mais tempo se tivesse mais ramos para a alimentar, e por isso correu a procurar lenha seca nas proximidades. Não arranjou grande coisa por causa da escuridão e da pressa, mas levou consigo uns gravetos que sem demora pôs ao lume.



Sentado, viu as chamas recuarem um pouco. Estariam a cheirar ou a reconhecer os ramos recém-chegados, ainda frios? Em seguida acalmaram-se, ficaram todos amigos e arderam sem dificuldade, com evidente prazer. Era tudo madeira, lenha.

Em torno da fogueira, no limiar do círculo da escuridão, distinguiam-se alguns animais da selva. Havia olhos que faiscavam com fosforescências raras. Sem sono, estavam ali perto o urso que na outra noite os visitara na caverna, leões, panteras, leopardos, veados, doninhas, serpentes, gatos bravos, mochos e outros animais por certo invejosos de não terem para si aquela gloriosa fogueira. Um lobo manso, encantado com as chamas, veio sentar-se muito perto, quase ao alcance da mão.

O dono do fogo desejou ter mais ramos prontos para queimar, pois era bom que a fogueira durasse o mais possível, e prometeu a si mesmo que de futuro iria ter um monte de lenha guardado para esse fim. Para a conservar seca, devia resguardá-la das chuvas, metê-la na caverna. Também poderia aprovei-

tar o lume para melhor se alumiar de noite, quando saísse. Com ele na mão, a arder na ponta de um pau, até os leões o temiam!

O homem fazia progressos notáveis. Aprendia bem e depressa. O macaquinho, porém, sem largar o que restava do cacho de bananas, caía de sono. O homem levou-o para dentro e deitou-o na cama de palha e folhas secas. Viu então o companheiro, meio adormecido, guardar as bananas um pouco verdes metendo-as dentro da palha.

Este gesto deixou o homem pensativo. Podia-se guardar comida para o dia seguinte. Mas, no dia seguinte, o que restaria do lume da fogueira? Cinzas frias e mais nada.

Ora o fogo não era menos importante que a comida. Por que não haveria de ser possível guardar o fogo como se fossem bananas-pão?

E como poderia isso ser possível?

A palha.

A palha arde...

Uma ideia nova estava a nascer na cabeça do dono do fogo e ele crescia com a sua ideia, começava a ser verdadeiramente um homem para todos os efeitos!

Deixou o companheiro a dormir, pegou em algumas palhas e dirigiu-se à fogueira. Encontrou-a apagada de todo, não seria ele capaz de a reacender? Se pudesse atear fogo a uma daquelas palhas que tinha na mão, deixá-la arder devagarinho e depois comunicar a chama às outras palhas, o fogo não se extinguiria e ficaria constantemente à sua disposição.

Sim, ele precisava de aprender a conservar o fogo. A conservá-lo talvez na forma de uma linha de fogo correndo como um rastilho por um caminho de palhas ou de lenhas apropriadas para não o deixarem morrer.

Precisava de uma chamazinha, sim, pequenina que fosse, mas resistente, tão resistente como se fosse imortal.

A brasa na palha

A luz da manhã rompeu um pouco depois. O lobo manso continuou perto, entre o homem e a entrada da caverna. Parecia que era ali também a sua casa, mas no sítio da fogueira via-se agora simplesmente o monte das cinzas.

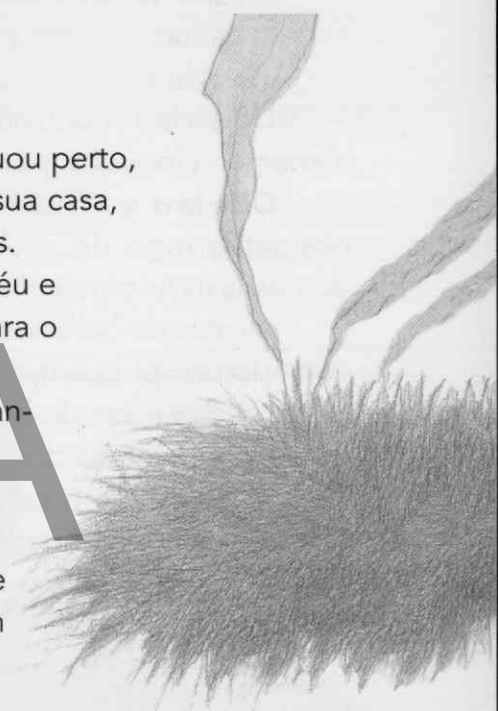
Triste, o homem recordou o que aprendera. Roubara o fogo ao céu e o fogo morrera-lhe nas mãos pouco experientes. Que poderia fazer para o ressuscitar?

Com a ponta do pau remexeu nas cinzas, uma poeira fina e esbranquiçada que se acumulava em monte no sítio onde as chamas tinham acabado por se extinguir. Seria tão bom poder vê-las de novo a bailar em cada pedaço de lenha!

No meio das cinzas a ponta do pau descobriu qualquer coisa que brilhou inesperadamente com uma cor alegre, reconhecível. O homem tornou a remexer, agora com atenção, e encontrou um resto de brasa. Quase sem acreditar em tanta sorte, extraiu-a e aproximou-a da vista. Soprou-lhe. As cinzas voaram, deixando-a limpa no seu vermelho vivo. Que beleza a coruscar!

O homem não sabia o que fazer para conservar a brasa. Era realmente preciosa. Mas não podia pegar-lhe com os dedos, portanto experimentou introduzi-la com cuidado na mancheia de palha que foi buscar. Continuou a soprar-lhe, a dar-lhe alento, para que ela não morresse. Por fim, oh maravilha!, saltou uma chama e a palha começou a arder!

O macaco, acordado, saía naquele momento e deve ter julgado que estava a sonhar feito tolo porque viu nascer o lume – sim, nascer! – nas mãos do homem, aquelas mãos que já haviam transportado o lume preso nas hastes de um ramo, através da floresta.



Antes que a chama se apagasse, isto é, sem demora, porque a palha seca arde depressa, o homem correu para a caverna e comunicou-a a mais palha. Fez uma boa fogueira, não se importando mesmo de queimar tudo o que encontrou na cama onde dormia com o companheiro que, contrariado, teve que ir guardar as suas bananas verdes noutro sítio.

A caverna iluminou-se pela primeira vez com uma festa alta de chamas que exibiam à luz as suas cavidades. As paredes irregulares de rocha espalhavam sombras mas, em certas partes, a luz tinha reflexos metálicos. O ambiente aqueceu e também se encheu de fumo.

O homem andou num vaivém, fora-dentro, fora-dentro, a acarretar tudo o que servisse para alimentar a fogueira, pois era a primeira que fazia, por nada do mundo queria vê-la apagar-se.

Que boa era! Além disso, a fogueira provava o máximo poder do homem. Ele conseguia obrigar o fogo do céu a descer à terra, e mais, conseguia metê-lo dentro da sua toca, domesticando-o para melhor o afeiçoar a si.

As chamas bailarinas exibiam cores que o homem não se cansava de admirar. Lembravam o colorido do sol poente ou da aurora e também o da brasa que lhe servira para as atear. Essa brasa já devia ter desaparecido na fogueira, mas outras estavam agora a formar-se para se conservarem até ao dia seguinte sobre a pedra bendita onde a lenha ardia.

Mais do que o calor de uma vitória, o homem sentia uma glória esplêndida a rodeá-lo. Acabava para ele a necessidade de aguentar as longas invernias a tiritar de frio, abraçado ao macaquinho. Agora, senhor do fogo, com um ramo na mão a arder, podia impor a sua vontade a toda a bicharada. Mais do que o leão, era ele o verdadeiro rei da natureza!

Podia até pensar, no ardor do entusiasmo, que, se o céu era a morada dos deuses e se ele arrancara de lá o fogo, isso o promovia à categoria de outro deus!

Animado por estas ideias excitantes, o homem passou o dia memorável a gravar uns desenhos na parede da caverna. O sol estava com ele, em sua casa, na forma das chamas da fogueira.

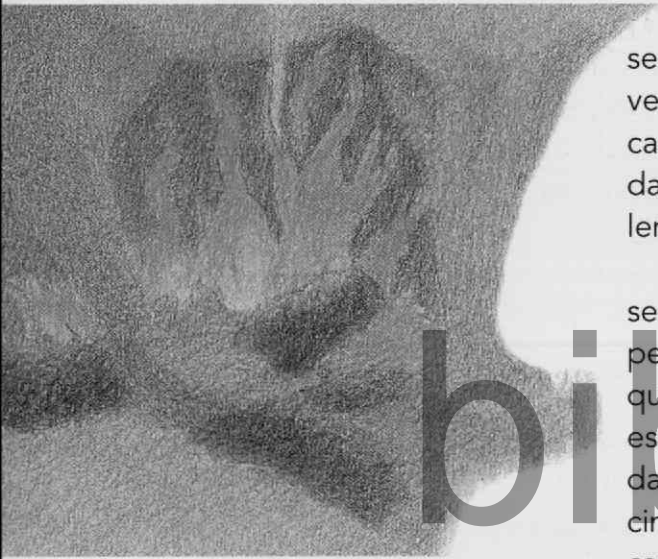
Lá fora esperava-o a caça fugidia.



bibRIA

Tom

Olhando para sul



Uma fogueira, parecendo coisa simples, tem muito que se lhe diga. Vendo bem, o que nela arde produz chamas variáveis, mais altas ou mais baixas, mais ou menos avermelhadas, castanhas ou amarelas, da cor da palha. O próprio calor e a luz da fogueira são maiores ou menores consoante a qualidade da lenha que nelas é posta a arder.

De facto, o homem observava atentamente a fogueira pois se tornava adorador do fogo, ou seja, deixava-se conquistar pela sua conquista. Não se cansava de acarretar lenha – tributo que pagava com alegria à sua descoberta! – e passava horas esquecidas a olhar para as labaredas. Resolveu até o problema da saída do fumo, ampliando uma pequena fresta existente no cimo da caverna, e só o arrelia que o macaco não o ajude a carregar lenha embora seja o primeiro a sentar-se e a gozar dela.

O homem acabou por notar que no rebordo ondulante das chamas há sempre uma franja pequenina. É diferente, curiosa. As chamas dançam como asas de borboletas em torno da luz e a tal franja conserva-se ali a palpar. Lembra as ondas da água a banhar a terra.

São fascinantes, queria ele dizer!

É preciso que a fogueira nunca mais se apague. Que nunca mais se apague para que o fogo se conserve, isto é, para que se conserve acesa na terra a maravilha roubada aos céus em ocasião de sorte, com tanta dificuldade. Deixar morrer a última brasa seria deixar cair das mãos o poder e a glória que unia o calor do vulcão à claridade intensa das faíscas.

O homem decidiu registar estas ideias numa das paredes da caverna, pois lhe pareciam muito importantes, e depois convidou o macaquinho a sair. Tinha de arranjar algures mais lenha e comida. Mas o companheiro opôs-se. Estava tristonho, preferia brincar nas árvores com os seus

iguais em vez de permanecer no agasalho da caverna, onde a fogueira já pouco brilha. O homem pega na lança de rija madeira e sai sozinho.

O sol continua frio e distante. Em poucas horas desaparece no horizonte, fatigado por estar tão longe. A caça escasseia entre as árvores da floresta que tremem com folhas desconsoladas.

Devia faltar bastante lenha nos invisíveis bosques do céu para que o sol andasse tão fraco! Ao homem apetecia atirar-lhe florestas inteiras incandescentes para que o astro tornasse a crepitar como a sua fogueira, rubra e ardente, próxima e amiga. Mas, claro, era desejar o impossível.

No ar via pássaros. Em bandos passavam voando para sul, e podia pensar-se assim: com certeza as aves não estariam a deixar aquela terra fria em troca de outra terra fria... No Sul talvez encontrassem uma região mais quente e acolhedora. Ensinavam-lhe o caminho?

Quem lhe dera asas para voar também, em bando!

Regressou à caverna. A fogueira já devia ter-se apagado por falta de lenha, mas nas cinzas encontraria pelo menos uma brasa salvadora que a ressuscitaria. Não arranjava outra maneira de acender o fogo em cima da pedra do lar.

O homem carregava nos braços um bom feixe de ramos secos e algum alimento.

À beira da porta encontrou sentado o lobo bom. O animal já se acostumava a sair pouco dali, sempre à espera de alguns restos de comida. Servia para lhe guardar a casa.

Mostrou-lhe um pedaço de comida na mão. O lobo bom aproximou-se devagar enquanto o homem o fitava nos seus olhos castanhos claros onde brilhava uma espécie de simpatia misturada com alguma expectativa. O animal cheirou a carne crua sem pressa, com o rabo a abanar, tomou-a nos dentes e afastou-se três passos para a comer.

O homem resolveu que a fogueira aquela noite devia arder no exterior. O céu estava limpo e sereno, as estrelas brilhavam na abóbada perfeita por cima do resplendor das chamas e do negrume do arvoredo.

Pensativo, o homem sentou-se e ficou de olhos fitos no firmamento. Procurava no céu o caminho das aves para sul. Deveria segui-lo também? Depois, talvez devido ao peso da solidão, quis que o animal se aproximasse.

– Cão! – chamou, erguendo um braço.

O cão, antes lobo bom, ergueu-se, contente, e deitou-se perto da fogueira para ficar, como ela, aos pés do senhor do fogo.



bibRIA

1900

A chama viajeira

Seguindo o voo dos pássaros, o homem, seguido pelo cão, afastou-se do frio. Atravessou montanhas, planícies e vales cada vez mais férteis e verdejantes. A pouco e pouco entrou numa região diferente. Era o tempo que mudava ou era ele que mudava no tempo?

Consigo trazia o fogo primordial que roubara ao céu para o dar à terra.

Não era fácil o seu transporte!

O homem não podia pegar-lhe com os dedos nem prendê-lo à cintura, nem chamá-lo como ao cão. Era o primeiro fogo, um fogo ainda desconhecido, mágico e misterioso, que continha o calor do vulcão e a luz do sol. Não podia perdê-lo de modo nenhum, deixando-o apagar. Tinha que o transportar, sempre vivo, e não o deixar morrer!

De facto, o fogo é esperto quando fica no meio da cortina de fumo ou das cinzas para se defender, mas a sua chama, que um sopro faz saltar da brasa para a palha, com outro sopro se pode apagar.

Por outro lado, o fogo destrói, mas realmente não destrói, transforma. A madeira que arde, por exemplo, transforma-se em calor, luz, cinzas...

O pior é que tem inimigos poderosos, implacáveis. O vento, que o atíça como já se sabe, também serve para o apagar. Mas é a água, a simples humidade, o seu maior inimigo. Onde cai, apaga-o num instante.

O homem, porém, aprendia a proteger o fogo. Conduzia-o cautelosamente nos braços que estendia para a frente, guardado no interior de um bom feixe de palha, onde meteu uma quantidade de grandes brasas vivas envoltas em cinza.

E assim caminhando com os braços estendidos, parecia que a coisa preciosa que transportava, aquele fogo roubado aos relâmpagos do céu, pertencia menos a ele próprio e muito mais aos outros homens a quem ansiava por o entregar e que talvez viesse a encontrar na sua viagem.

Todos os dias, ao fim da tarde, o homem se detinha para descansar. Reunia uns bons pedaços de lenha e depois procurava uma pedra lisa para nela depositar o seu fogo. Em seguida, com gestos solenes, ateava a fogueira e ficava a adorá-la até adormecer com o cão deitado aos pés.

Por vezes, quando abria o feixe de palha, no meio das cinzas mornas só descobria o resto de uma brasa quase morta. O braseiro reduzira-se a uma simples faúlha! Mas com habilidade e sorte, soprando continuamente, ele ia conseguindo atear a palha seca e fazendo arder a fogueira diária.

Outras vezes, alertado por um receio medonho, parava de repente para verificar se o fogo continuava vivo nas suas mãos, pois só então, tranquilizado, prosseguia viagem. Sentia-o mesmo na palma das mãos como uma coisa viva, com temperatura própria, docemente morna.

Ao caminhar, o homem ia deixando atrás de si um rasto nítido. Era uma nuvenzinha branca e ligeira que ficava na atmosfera com o cheiro inconfundível da palha ressequida ou queimada. O fumo na natureza era naquele tempo uma verdadeira raridade.

Um dia, percorrendo um vale profundo, o caminho do homem começou a seguir entre alas de grandes rochedos que lhe estreitavam cada vez mais a passagem. Assim foi descendo para a margem de um rio cada vez mais alto e, por fim, tão alto que parecia cair do céu, jorrando ondas num trovão contínuo.

Nuvens de gotas espalhavam por todo o lado uma chuva miúda que caía continuamente e o homem, assustado, quis retroceder, mas já lhe era impossível voltar para trás, escolher outro caminho – caminho sem dúvida mais longo e mais perigoso. Não havia outro remédio: se queria salvar o seu fogo para o mundo, teria que atravessar aquele turbilhão líquido em queda permanente para atingir o outro lado e avançar na viagem.

Aproximou-se, curvado para o chão, para resguardar o fogo (para ele sagrado) sob o peito encolhido. Observou o local com atenção. A catarata era uma espessa cortina de água que saltava para um fundo de pedras onde ressoava com fragor. A torrente caía do alto tão impetuosamente que se afastava um pouco da parede rochosa, abrindo uma estreita vereda entre as rochas. Tinha o aspecto de um tosco degrau horizontal em escada posta a pique.

Talvez a veredazinha fosse transitável e chegasse à margem oposta, pensou o homem.

Chamou o cão, lamentoso porque hesitava em o acompanhar, e avançou por ali. Não sabia se ia atingir o outro lado ou se ia cair e afogar-se na precipitação violenta das águas, resvalando



para um poço qualquer, pouco visível na obscuridade, que o engoliria para sempre. O cão, por seu turno, ganhava queixas de cabeça baixa, talvez preferindo uma travessia a nado. Todavia, o homem considerava essa travessia muito mais arriscada atendendo à violência da corrente, que tudo arrastaria para a morte.

Fios de água jorravam por todos os lados. Colando-se à parede (que também escorria) para não se deixar arrastar em queda pela catarata, arriscou-se a atravessar a largura do rio, pé ante pé, subindo e descendo alguns obstáculos viscosos, escorregadios. O feixe de palha molhou-se, os pingos até já saíam por baixo, escorrendo-lhe pelas mãos, e o homem, desanimando, sentiu-se perdido.

Quando pôde atingir chão firme e seco, sentou-se para descansar de tanta emoção e, sem demora, verificar o que lhe restava da última fogueira. Pasmou!

As cinzas postas em contacto com a água tinham-se solidificado em forma de concha e assim conservavam bastante bem o calor das últimas brasas!

Sem perder tempo, o homem colheu uns ramos secos e em breve erguia sobre um penedo da outra margem uma fogueira festiva cujas labaredas subiam à altura da catarata!

A entrega

Já não se via no céu o passaredo a voar em bando para sul – ou seja, para o lado oposto da parte húmida e musgosa dos troncos das árvores – e o homem tão-pouco já o seguia. Mas não se detinha, querendo levar até mais longe o fogo conquistado.

Atravessou regiões e povos diversos, aos quais mostrou o prodígio da fogueira ateadada por iniciativa de mãos humanas, fogueira abençoada que aquecia e alumia as trevas nocturnas.

Chamaram-lhe oficiante do fogo e ele discordou. Era, sim, o servidor, o transportador daquele espantoso elemento. De qualquer modo, crescia o número de pessoas que todos os dias, em todos os pontos onde o homem parava ao fim da tarde, assistiam à cerimónia do acender da fogueira. Por vezes a sua fama corria mais depressa do que ele e, ao chegar, deparavam-se-lhe pequenas multidões de curiosos, uns querendo ver para acreditar e outros não acreditando de forma nenhuma que o homem tivesse conseguido roubar o fogo ao céu e pudesse realmente trazê-lo consigo.

Porém, o homem chegava, deixando atrás de si um rasto de fumo com o cheiro inconfundível da palha queimada. Vinha com o fogo nos braços estendidos para diante, como se pertencesse menos a ele próprio e muito mais aos outros, a quem ansiava por o entregar. Escolhia uma pedra limpa, abria o feixe precioso e, com gestos solenes e exactos, expunha as brasas na cinza, deitava-as na palha, e logo a palha na lenha, soprando sempre, de bochechas inchadas, por vezes meio sufocado e com lágrimas nos olhos, até atear a fogueira.

Quando as chamas irrompiam, alterosas, num arrebol festivo, explodiam *oh oh* de pasmo e admiração. Alguns curiosos chegavam a recuar e a fugir com o terror de verem o fogo das tempestades celestes a chamejar ali em terra. Outros tomavam uma atitude inversa, por ambição. Aproximavam-se do homem e pediam-lhe que lhes entregasse o fogo e todos os seus segredos

a eles, pessoalmente, em troca de grandes ofertas. No entanto, o homem recusou tais propostas, pois lhe desagradavam ao máximo. Sentia que o fogo devia pertencer não a um homem isolado, fosse ele quem fosse, devia antes pertencer a todos. O fogo estaria sempre em risco de se apagar enquanto estivesse na mão de uma única pessoa. A dificuldade da sua missão era essa!

Um dia chegou ao lugar onde vivia numa grande casa um homem do qual ouvia falar com elogio e respeito. Quis conhecê-lo porque lhe afirmavam que trabalhara sempre ao serviço dos outros com imensa generosidade. Entenderam-se ambos tão bem que passaram a morar sob o mesmo tecto.

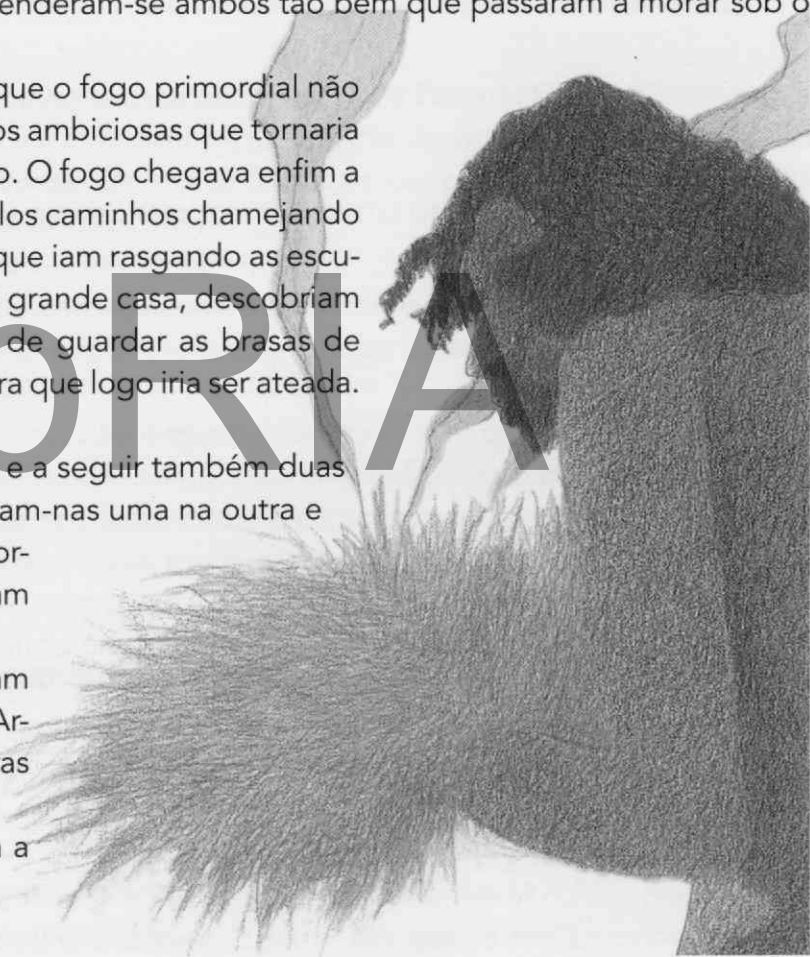
Agora, sim, os dois podiam crer que o fogo primordial não ia ficar na posse exclusiva de umas mãos ambiciosas que tornaria mais fortes contra as outras. Nada disso. O fogo chegava enfim a toda a gente do mundo, cruzava-se pelos caminhos chamejando na ponta de archotes em deslocação, que iam rasgando as escuridões, e em breve os dois homens, na grande casa, descobriam uma forma hábil de evitar a canseira de guardar as brasas de uma fogueira que se extinguia para outra que logo iria ser ateadada.

Como?

Escolhiam duas pedras de sílex – e a seguir também duas peças de madeira especial –, esfregavam-nas uma na outra e produziam chispas que punham um morrão em brasa, com o qual depois ateavam o fogo.

Entretanto, as fogueiras iluminavam e aqueciam cada vez mais o mundo. Ardiam alegremente nas aras e nas lareiras dos lares.

Era um fogo trazido do céu para a terra, por isso sagrado.



Ponto final

O homem é a imagem individualizada da humanidade e da sua história.

OLIVEIRA MARTINS

A humanidade é como um só homem que caminha e aprende.

bibRIA

CONDORCET

NASCEU A PALAVRA!

Um dia, na região onde o sol se levanta mais cedo, nasceu a Palavra. Foi no princípio dos tempos, quando o primeiro menino que por ali andava na companhia de um macaco se transformou no rapaz que depois se fez homem ao conseguir roubar o fogo ao céu para ter à noite alguma luz do sol e para ter ao frio algum calor do vulcão.

A Palavra nasceu porque foi inventada – um acontecimento! Foi um acontecimento formidável porque cada coisa que existia no mundo começou então a ter nome próprio e isso, embora hoje talvez não o pareça, tornou-se num facto importantíssimo. Graças ao seu nome, cada coisa não se confundiu mais com as outras.

Porém, a Palavra andou um tempo sozinha e muito triste. Era assim que a viam, misturada à toa com as coisas às quais a Palavra queria dar nome, mas ninguém sabia juntar as que já eram criadas. Andavam soltas, cada uma por seu lado, como pedras sem valor porque ninguém se lembrava de construir com elas fosse o que fosse, por exemplo uma casa, pois não se imaginava a figura que uma Palavra podia fazer na companhia de outras. Porém, essa companhia era capaz de ser tão boa na verdade que, colocando uma a seguir a outra na ordem certa, a Palavra que nomeava até conseguia ter um sentido. Juntando algumas palavras, podia-se exprimir um pensamento. Podia-se pensar!

PENSARI!...

E foi assim. Um dia, cansada de ser útil mas sozinha e, portanto, de pouco valer sem a companhia de outras, a Palavra resolveu tomar a palavra. Desenhou uma parábola na forma de um anel para estabelecer comparações, semelhanças e aproximações entre as coisas. Em seguida, conhecendo já o princípio e o fim, criou provérbios. E foi então que, à região onde o sol se levanta mais cedo, chamaram Parolândia.

Os habitantes da região tomaram o nome de paroleiros. Quando trocavam palavras entre si, porque só sabiam dizê-las separadas umas das outras, não conversavam, parolavam. Isto é, ficavam na parolice. E não se entendiam facilmente.

Mas, naquele tempo antigo, quem seria capaz de perceber o valor de uma simples Palavra? Algumas coisas que existiam é que podiam ter importância, não cada Palavra escolhida para as nomear. Apesar de tudo, não foi mais possível acreditar no nascimento de qualquer coisa nova sem que houvesse uma Palavra própria para ela. E então, sim, as coisas novas nascidas com a sua Palavra ganharam toda a importância porque passaram a ser reconhecíveis. Se alguém dizia «água», por exemplo, quem escutava entendia «água» e as próprias pessoas que diziam e que escutavam já valiam mais como pessoas porque se individualizavam, eram únicas. Eram, por exemplo, a Maria ou o José. Distinguiam-se das outras Marias e dos outros Josés porque, tendo nome próprio, passaram também a ter uma cara que toda a gente podia reconhecer.

As palavras cresceram em número com as pessoas. Por fim, toda a gente percebeu que a Palavra era menina de corpo harmonioso feito de som e caligrafia. E sentiu também que era feita de vento e asas para se juntar às suas irmãs. Aconteceu mesmo algo de espantoso. Certas pessoas viram-se arrastadas pelo gosto de cantar a Palavra e o canto que pela primeira vez ouviam maravilhou-as. Era música! Mas isto aconteceu depois de nascer o Verbo, um moço encantador cuja madrinha logo anunciou, junto ao berço, que iria unir-se à Palavra porque tinham sido feitos um para o outro.

Ninguém acreditou no veredicto porque logo surgiu entre ambos uma rivalidade tremenda, tão grande que ele e ela nem podiam ver-se. Não era compreensível aquela inimizade tão forte, que desmentia a madrinha, mas ela acabou por ter razão, toda a razão, porque de facto tinham sido feitos um para o outro.

A Palavra casou-se com o Verbo e foram muito felizes na Parolândia, onde deixaram abundante descendência, também conhecida por numerosos nomes. É descendência palavrosa, palavrada, palavreada. A descendente mais pequena e humilde chama-se palavrinha. É uma simpatia. Está sempre à janela de sua casa para saudar carinhosamente quem passa. De qualquer maneira, na Parolândia toda a gente gosta de palavrório, ou seja, gosta de ser palavreira, gosta de apalavrar e de palavrear palavrosamente.

Vejam, é da Parolândia que estou agora mesmo a chegar!

REI JIM

Era uma vez o barco-gigante da fábula. Por tão soberbo, não lhe bastou o nome de «Rei». Mais régio o quis, pelo que se proclamou «Rei Sim». Com este pomposo título desceu ao mar em dia festivo, mas o falar do povo, pela pronúncia, limpou-o do excesso. Com o sotaque tradicional do país, que deformava o som de uma letra, o povo chamou-lhe «Rei Jim», enquanto ele se sentia no direito de dominar os sete oceanos.

Um dos sete oceanos, o mais altivo, porque era vigoroso, largo e fundo, jurou que havia de castigar o barco-gigante por tanta soberba, amarrando-o à terra para sempre.

Uma noite, na sua primeira viagem, o oceano cegou-o e prendeu-o às rochas vivas de um país pequeno, numa praia onde o infeliz ficou desde logo a chorar-se como Madalena.

Estava feito!, considerou toda a gente. E ninguém soube explicar como pudera acontecer o acontecido.

Multidões correram para ver de perto o desastre e aquele ponto da beira-mar transformou-se em local de romaria. Os namorados descobriram que era mais doce o passeio ou o beijo trocado no areal, tendo o barco-gigante preso por testemunha. Os chefes de família acrescentaram um giro novo aos seus tempos livres e para lá encaminharam os ranchos domésticos. E todos juntos atraíram vários comércios ambulantes.

Na multidão dos namorados, dos chefes de família, dos velhos, das crianças e dos vendedores, que apontavam, comiam e bebiam, brincavam, falavam e discutiam, surgiu por acaso um pintor. Parecia uma pessoa vulgar – e não era. Em vez de falar, olhou.

Observou demoradamente o barco-gigante ora de um lado, ora de outro. Viu mesmo, à distância, milhares de ratos metálicos a saírem dos seus cavernames, deixando-os vazios; depois viu a colocação de longas faixas com legendas em intenção da ecologia, uma coluna de

bibRIA



fumo a subir, várias movimentações em volta, enquanto o oceano ia devorando, contente, a sua presa.

O pintor assistiu àquela agonia monstruosa e ficou fascinado. Sentiu a dor do barco-gigante como sua, a beleza terrível do sofrimento na quilha partida, nas velozes oxidações dos ferros batidos pelas ondas salgadas. Qualquer coisa dolorosa, um drama de palavras mudas, estava a ocorrer ali. Então, conduzido por uma vontade misteriosa, o pintor pegou nas suas tintas e nos seus pincéis e pintou o que via e sentia como se fosse a única pessoa do mundo a ter obrigação de fazê-lo. Queria registrar e transmitir aquela cena profundamente emocionante que toda a gente via sem ver e que nenhuma palavra, apenas sentimentos, merecia.

O pintor não saiu do areal. Julgou que era a única pessoa capaz de ver o «Rei Jim» claramente transformado em «Rei Não», quando o barco-gigante, destronado e vencido, oscilando sobre as rochas, agonizava. Talvez o artista quisesse também desenhar a pequenina distância que separa a grandeza da humildade.

Pintou-o vezes sem fim e, todavia, pintou sempre barcos diversos, diversos gigantes penetrados pelo dente da rocha viva. De pincéis na mão, quadro após quadro, o artista interrogou-se, interrogando-o no seu destino.

Os quadros-respostas amontoaram-se na forma de perguntas diversas e todavia idênticas. Captavam as mudanças da luz no rodar do sol, os brilhos das ondas e das espumas, as nuvens e neblinas matinais que circulam entre mar e céu, e captavam ainda, com espanto, uma espécie de eco do mais humano sofrimento.

Por fim, cansado, o pintor meteu as mãos nos bolsos e olhou para terra. Observou os quadros que pintara e percebeu o engano em que caíra: o «Rei Não», derrotado, transformava a sua derrota em vitória em cada uma daquelas pinturas! Graças a elas, o barco-gigante podia reinar para sempre, perante o olhar das pessoas que iam vê-lo emoldurado na parede, no momento da derrota.

Mas já era tarde. As fúrias do oceano desfaziam o colosso. Agora «Rei Jim» podia desaparecer, engolido pelo oceano, porque as pinturas estavam feitas para reinarem sobre nós. Nelas, «Rei Não» tornava a ser «Rei Sim»!



FÉRIAS EM URZELIM

No fim da Primavera, a Guidinha foi com os pais, que são professores, passar um mês de férias numa aldeia chamada Urzelim. A aldeia, muito bonita e engraçada, fica na serra. Vai-se por uma estrada cheia de curvas, com subidas e descidas que nunca mais terminam. Dos dois lados vêem-se muros baixos feitos de pedras soltas que servem para dividir as propriedades e alguns camponeses idosos a trabalhar de enxada nas mãos. Por vezes ouve-se a enxada bater numa pedra, os camponeses baixam-se por ela e depois vão colocá-la em cima do muro mais próximo. Também se vêem rebanhos guardados por pastores com grandes cajados e cães. Quem estende a vista para longe vê pedregulhos do tamanho de prédios e montes com arvoredos, muitos montes, cada vez mais altos, como se fossem uma escada enorme a trepar para o céu. Todos parecem azuis ao longe e algumas nuvens até lhes passam pelo meio, tão altos eles são. No céu, mais azul do que os montes, brilha um sol quente. Mas o calor não incomoda.

A Guidinha gostou da aldeia. Havia ali sossego. Só se ouvem os latidos dos cães, o cantar dos galos, o mugir das vacas, os chirridos das andorinhas e o chilrear de outro passaredo pelas sombras das folhagens. Por vezes um burro triste zurra perto. Ela viu pela primeira vez os rebanhos a sair para os montes, guiados pelos pastores, e cães tão fortes que podem lutar com lobos e vencê-los. A Guidinha também nunca tinha visto de perto uma vaca tão linda como a «Malhada». É uma vaca meiga. Dá leite e gosta muito de festas no focinho. Sempre que pode, vai visitá-la ao curral, em casa do vizinho.

Urzelim é divertida como um carrossel às voltas! Guidinha pode correr à vontade, subir aos montes, jogar sozinha às escondidas no meio das grandes pedras, entrar em grutas misteriosas, espantar o passaredo com gritos de alegria, correr atrás das galinhas e dos porcos que andam pela rua. Há por ali tantos cheiros novos!

Os pais deixam-na à solta horas e horas e ela diverte-se muito, mas... falta-lhe um companheiro! Brincar sozinha acaba por ser aborrecido.

Felizmente, conhece o filho do senhor André, um rapazinho mais ou menos da sua idade, e ficam amigos. Chama-se Tomé.

A quantidade de coisas que ele sabe e que ela ignora! Tomé conhece o nome de muitas ervas e distingue a cevada do centeio e o centeio do trigo a crescer pelos campos. Lida com as abelhas sem medo e sem se picar, e conhece muitas flores silvestres, árvores e frutos. Vê pássaros a voar ou a cantar e logo os reconhece sem dificuldade.

Guidinha maravilha-se com tanto saber, mas mais maravilhada fica um dia quando ouve os sinos tocarem a finados e Tomé percebe que tinha falecido na aldeia uma mulher e que o enterro ia ser às sete!

– Como sabes? – estranha ela.

– Não reparaste? – estranha ele. – O toque dos sinos disse que morreu uma mulher e até indicou as horas do enterro.

– Ah! – admira-se Guidinha. – Então não adivinhaste...

– Não, claro! Mas, se quiseses, adivinho o nome de quem morreu. Deve ter sido a senhora Joaquina, que mora na Póvoa. Já é velha e sei que estava doente!

Tomé tem pouco tempo livre mas, ainda assim, ela acompanha-o sempre que pode para conhecer melhor a aldeia. Surge, porém, uma dificuldade.

Durante uma brincadeira, ela descobre que Tomé tem umas ideias esquisitas. Falou-lhe por acaso na ida dos homens à Lua e ele, num rompante, responde logo:

– Não acredito nisso!

Guidinha fica sem saber o que dizer, mas é evidente que o rapaz fala a sério. Apesar de tudo, passado um momento, ela argumenta-lhe:

– Mas tu já viste a televisão mostrar cenas da viagem, não viste?

– Vi, mas isso é cinema. Não acredito que os homens tenham ido à Lua porque é impossível!

– Então não acreditas também nos foguetões, nos satélites artificiais...

E Tiago, terminante:

– Não! É tudo cinema, fantasia.

Guidinha apenas consegue responder:

– Pois eu acredito, sabes?!

Não contém o espanto. Logo que pode, conta aos pais aquela história:

– O Tomé não acredita que o Homem já foi à Lua nem acredita em viagens espaciais!

– Mas tu acreditas, não é verdade? – quis saber a mãe, a sorrir.

– Pois quem não acredita? Só o tolo do Tomé...

– Não lhe chames tolo! – recomenda o pai. – Ele não acredita porque não pode acreditar, mais nada.

– Não podes chamar tolo a quem não pensa como tu – apoia a mãe.

– Mas isso é tão errado como somar três e dois, quatro! – teima Guidinha.

– Pois é, sabemos-lo nós! Mas ele não o sabe – lembra o pai.

– E não tens o direito de o ofender, chamando-lhe tolo, embora saibas que nesse ponto ele está errado! – aconselha a mãe. E o pai ajuda:

– Lembra-te: nós, como toda a gente, não sabemos senão aquilo que nos cabe na cabeça... Uma ideia pode estar hoje muito certa para uns e não servir na cabeça para outros, tal como um castanheiro pode não aceitar o enxerto de um ramo de outro castanheiro...

Guidinha, deveras irritada e aborrecida, corta:

– Não quero brincar mais com o Tomé, que não acredita em viagens espaciais!

Desde aquele dia, evita encontrar-se com o amigo. Não lhe perdoa a teimosia.

Evidentemente, os dias em Urzelim tornam-se outra vez muito aborrecidos. Mas Guidinha prefere aborrecer-se sozinha em vez de aceitar a companhia de quem não acredita no que ela tem por certo.

Vai passear para os montes, deita-se na erva e fica a olhar o céu. Vê o azul, com nuvens brancas e cinzentas sopradas pelo vento, até que se lembra de um livro lido em tempos. Contava a história de um menino que se divertia numa aldeia a ver combates no céu. As nuvens têm formas diversas, ora lembram um peixe, com cabeça, barbatanas e rabo, ora uma baleia gigantesca, que corre a engolir o peixe, depois lembram um castelo, ou um rebanho de carneiros perto de um lobo, ou uma caravela a navegar...



Afinal, era uma distração cansativa, pelo menos para ela!

Com alívio vê aproximar-se o fim das férias e o regresso a casa, na cidade. Aproveita o último dia em Urzelim para escrever uma carta. Esmera a caligrafia para escrever:

Excelentíssimos senhores:

Quero que saibam que ainda existe uma pessoa no mundo que não acredita que o Homem já foi à Lua. Chama-se Tomé. Mora numa casa onde se encontra a «Malhada», uma vaca muito meiga. Fica na aldeia de Urzelim, na Beira Alta, em Portugal, país da Europa, continente do planeta Terra.

Tomé teima nisto: o que vemos na realidade, através da televisão, não passa de cinema vulgar, fantasias. Esta teimosia incomoda-me tanto que deixei de brincar com ele. Não estou disposta a falar com um rapaz que não acredita em viagens espaciais!

Eu acho que os senhores deviam corrigir a teimosia do Tomé. Venham buscá-lo depressa para o levarem no foguetão que preparam para a próxima viagem, porque com certeza só vendo é que ele acredita.

Mando-vos um beijinho e muitos cumprimentos.

Margarida

Dobra a carta cuidadosamente e mete-a num sobrescrito. Quando a família já fecha as malas, na hora de partir, Guidinha volta-se para o pai:

– Como se chama aquela cidade onde fazem os lançamentos de foguetões espaciais nos Estados Unidos?

– É Houston, Cabo Canaveral, parece-me. Porquê?

– E quem manda no centro espacial?

– Creio que é a NASA. Porquê, Guidinha?

– Queria mandar uma carta para lá e preciso de escrever a direcção. Podemos depois pô-la no correio?!

A PARTIDA DAS PERNAS

Era uma vez uma mesa, uma mesa igual a qualquer outra, com tampo e quatro pernas que não serviam para andar, eram só para estar.

Certa noite, uma perna parece que se cansou de estar parada no escuro e arreliou-se. Como se estivesse a falar sozinha, desabafou:

– Nunca tal coisa se viu: uma perna feita para estar quieta!

Falou baixinho talvez para não acordar as companheiras, mas elas ouviram-na. Uma respondeu-lhe imediatamente, muito contrariada:

– Fomos feitas *mesmo* para isto! Não servimos para mais nada!

– Pois, pois! Servimos para sustentar o tampo, que sem nós, coitado, caía ao chão e ficava sem préstimo – apoiou uma outra acordando do seu sono já cheia de opiniões.

A última perna, das quatro que a mesa tinha, continuou calada, muito direita e firme no seu lugar como um soldado posto em sentido. A companheira do lado levantou do chão a ponta da perna, querendo tocar-lhe, mas, por falta de prática, mal se mexeu e não a alcançou. Portanto, apenas disse:

– Não achas?

A interrogada abriu lentamente um olho castanho na madeira, tão alto que quase chegava ao tampo e, com muita calma, desdenhou:

– Que conversa mais tola! – Tornou a fechar o seu olho castanho com indiferença, mas arrependeu-se e reabriu-o para se corrigir:

– Não há conversas tolas, concordo; apenas há tolos conversadores... Eu, por exemplo, se não fosse perna, podia ser tampo de mesa. Realmente, um tampo de mesa pode ser grande ou pequeno, redondo, oval, quadrado ou rectangular. Isto sei eu, que não sei nada...

Arregalou um pouco o seu olho castanho para olhar em volta e continuou:

– Em cima de mesa se come e até se dança se houver pessoa com disposição bailarina.

– Calem-se, tagarelas! – interrompeu um homem idoso que nesse momento se sentava à mesa. – Não vêem? Uma mesa normal não serve apenas para comer ou dançar, serve também para conversar e para escrever, que é o que eu aqui faço todos os dias. Ora vocês estão a distrair-me. Por favor, calem-se!

E o homem recomeçou:

– Era uma vez uma mesa, uma mesa igual a qualquer outra, com quatro pernas que não serviam para andar, eram só para estar. Certa noite... – Deteve-se a pensar, depois repetiu: – Certa noite... Sim, naquela noite uma perna cansou-se de estar parada no escuro e barafustou: – Onde se viu tal coisa? Uma perna feita para estar quieta! Perna assim não é perna nem é nada!

As companheiras acordaram para discordar, mas uma, de olho ladino bem aberto, lamentou-se:

– Se não fosse perna eu podia ser tampo de mesa. Somos feitas da mesma madeira e... pobre de mim! Um tampo de mesa, seja grande ou pequeno, redondo, oval, quadrado ou rectangular, é muito importante porque é nele que tudo se passa.

– As pernas estão por baixo, no escuro, ninguém nos vê – disse a primeira, e acrescentou: – Toda a perna é feita para caminhar, não para estar parada como qualquer estaca!

Uma companheira mantinha-se calada mas por fim também entrou na conversa:

– Reparem! – disse ela. – Somos quatro para uma única mesa... Que desperdício! Acho que somos de mais. Para quê tantas pernas? As pessoas até andam sempre a bater-nos com os pés. Portanto, perna minha para que te quero, aqui vou eu...

– Vais-te embora?! – espantaram-se as outras três.

– Não vêem? Adeus, adeus! – E assim se despedindo, abalou. Ia tão ligeira como se fosse de perna às costas.

Ao vê-la partir, as companheiras ficaram num momento de aflição, até que perceberam que a mesa onde o homem escrevia se aguentava nos três apoios. Descobriram naquele dia que as mesas podiam ter menos de quatro pernas e foi então que, num grande alarido, todas quiseram partir também para correr mundo. Porém, o homem interrompeu-as:

– Calem-se, tagarelas!

– Queremos sair daqui! – exigiram elas.



– E eu quero paz – respondeu o homem. Porém, para ter paz, deixou partir mais duas pernas. Ficou apenas com uma, que colocou no centro da mesa.

– Alguém, não eu, terá que inventar a mesa com dois apoios – explicou o homem. – Agora espero acabar calmamente a minha história.

E o homem, na sua mesa pé-de-galo, pôde recomeçar:

– Era uma vez uma mesa, uma mesa igual a qualquer outra, com uma perna que não lhe servia para andar, era só para estar. Certa noite...

bibRIA



O rapaz matutou no que tinha de fazer para realizar a sua ideia. Queria ter o fogo aos seus pés e, se possível, metê-lo dentro da caverna. Queria apoderar-se dele para sempre. Por uma única razão: precisava do fogo.

Devia ser possível aquecer-se no frio e alumiar-se na escuridão nocturna, que nem lhe deixava ver o companheiro deitado ao seu lado, ansioso pela manhã. Era este o seu sonho, mas havia grandes dificuldades. Roubar o fogo ao céu e à terra, e trazê-lo para onde ele queria, não era brincadeira de macaquinho!

Para caçar o fogo teria que aprender a dominá-lo. Para isso, precisava de conhecê-lo. Como? Nem podia tocar-lhe!

O fogo era esperto. Tinha manhas, não se deixava apanhar. Era ver a habilidade com que escondia dentro da madeira as chamas que só a fogueira era capaz de fazer sair! Era ver também como o fogo se defendia, espalhando a cortina de fumo para o pôr em fuga!

ISBN 972-610-443-2



9 789726 104438

Índice

5	O FOGO ROUBADO
7	O calor do vulcão
9	As faíscas do céu
11	A descoberta do fogo
14	Primeira fogueira: a vitória
19	A brasa na palha
22	Olhando para sul
25	A chama viajeira
28	A entrega
30	Ponto final
31	NASCEU A PALAVRA!
33	REI JIM
37	FÉRIAS EM URZELIM
41	A PARTIDA DAS PERNAS

Algumas obras do autor:

Som de Origem – Arte d’escrita, Livros Horizonte, Lisboa, 1985.
A Última Aposta, contos, Livros Horizonte, Lisboa, 1987.
Artistas ao Norte, Porto Editora, 1989.
Júlio Resende – A Arte Como/Vida, Livraria Civilização, Porto, 1989 (org. e co-autor).
Letras Bairradinas – Antologia, ed. AJEB, Anadia, 1990.
Estudos Regionais (Sobre a Bairrada), Livraria Figueirinhas, Porto, 1993.
O Museu no Sótão, crónicas, prefácio de Arnaldo Saraiva, Livraria Figueirinhas, Porto, 1993.
António de Cértima – Vida, Obra, Inéditos, Livraria Figueirinhas, Porto, 1994.
Armanda Passos, Campo das Letras, Porto (org. e co-autor).
O Vírus Entranhado, contos, Campo das Letras, Porto, 1999.
Bustos do Passado, estudos, ed. JFB, Porto, 2000.
Inclinações Pontuais, ensaios, Campo das Letras, Porto, 2000.

Contos para crianças:

Os Segredos do Subterrâneo, Prémio Internacional da Juventude, Editorial Caminho, Lisboa, 1986; 2.ª ed., 1995.
Histórias com Historinha Dentro, ilust. Júlio Resende, Livraria Figueirinhas, Lisboa, 1986.
A Roda Que Saiu dos Eixos, ilust. Luísa Brandão, Edições Asa, Porto, 1987; 2.ª ed., 1994.
A Sopa das Nove Letras, ilust. Emerenciano, Porto Editora, 1988.
Tenho uma Ideia, ilust. Júlio Resende, Porto Editora, 1989.
A Nuvem Cor-de-Rosa, ilust. Júlio Resende, Edições Asa, Porto, 1989; 3.ª ed. 2000.

Colecção Tapete Voador, edição Campo das Letras, Porto:

A Corte na Aldeia, ilust. Armanda Passos, 1996.
O Segredo da Rocha, ilust. Emerenciano, 1996.
A Bandeira Escondida, ilust. Fernando Lanhas, 1998.
O Mistério da Floresta Mágica, ilust. António Modesto, 1999.
A Ilha das Bocas Abertas, ilust. Carlos Carreiro, 2000.

Títulos da Coleção *O Sol e a Lua*
publicados pela Editora CAMPO DAS LETRAS

1. A Bruxa, o Poeta e o Anjo

de *Mário Cláudio*

e ilustrações de *Alfredo Martins*

.....

2. Um roubo na véspera de Natal

de *Inácio Nuno Pignatelli*

e fotografias de *Paulo Pedro Silveira*

.....

3. O soldado e o capitão, os cravos e o povão

de *Valdemar Cruz*

e ilustrações de *João Caetano*

.....

4. Cantata em dois andamentos

de *Serafim Ferreira*

e ilustrações de *Alfredo Martins*

.....

5. Aquilo que os olhos vêem ou O Adamastor

de *Manuel António Pina*

e figurinos de *Susanne Rösler*

.....

6. Gaspar, o Dedo Diferente e outras histórias

de *Ana Luísa Amaral*

e ilustrações de *Elsa Navarro*

.....

7. andando, andando...

de *Teresa Rita Lopes*

e cenários e figurinos de *Rui Aguiar*

8. Enquanto a cidade dorme

de *Álvaro Magalhães*

cenários de *João Calvário* e figurinos de *Susanne Rösler*

.....

9. Pôr o Medo a Fugir – As aventuras da Joana contra o Medo

de *Miguel Gonçalves*

ilustrações de *Joaquim Freitas* e desenhos da *Joana*

.....

10. A Verdadeira História da Batalha de S. Mamede

de *Inácio Nuno Pignatelli*

ilustrações de *Avelino Rocha*

.....

11. A Esquadilha de Pirilampos

de *Fernando Miguel Bernardes*

ilustrações de *Fátima Afonso*

.....

12. A noite em que a noite não chegou

de *José Fanha*

ilustrações de *João Fanha*

.....

13. O Fogo Roubado

de *Arsénio Mota*

ilustrações de *Alfredo Martins*

.....